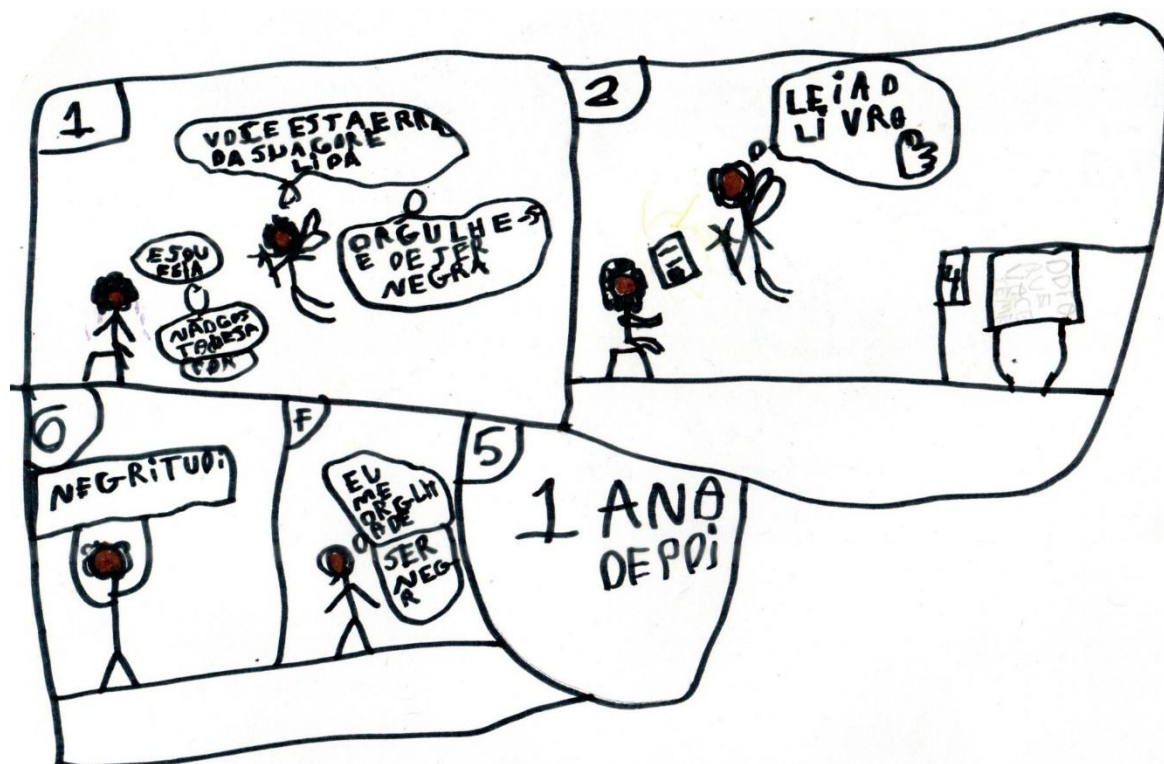




UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DIREÇÃO GERAL DO CAMPUS BINACIONAL
COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ERILANE SEABRA MELO



ESCREVIVÊNCIA E INFÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE
ILUSTRAÇÃO COM CRIANÇAS NEGRAS EM OIAPOQUE/AP

OIAPOQUE – AP

2026

ERILANE SEABRA MELO

ESCREVIVÊNCIA E INFÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE
ILUSTRAÇÃO COM CRIANÇAS NEGRAS EM OIAPOQUE/AP

Artigo apresentado ao componente curricular TCC 2
como requisito parcial à conclusão do Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do
Amapá/ Campus Binacional de Oiapoque.

Orientadora: Profa. Dra. Leyla Menezes de Santana

OIAPOQUE – AP

2026

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a minha mãe por me apoiar desde o primeiro até último dia da universidade. Sua ajuda cuidando do meu filho, sem medir esforços, foi o que tornou este sonho possível.

Agradeço também toda a minha família, que de certa forma fez parte desta conquista.

Aos meus colegas da universidade, o meu muito obrigada, principalmente pelas palavras amigas, ideias, sugestões, críticas e gentilezas que tornaram essa jornada mais leve.

Agradeço ao Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque (Comuneo), a Universidade Federal do Amapá/ Campus Binacional (Unifap) e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) por fazerem parte dessa caminhada formativa, contribuindo para a construção desse trabalho e para minha trajetória acadêmica.

Por fim, expresso minha gratidão à professora Leyla, por seu incentivo constante e por acreditar no meu potencial ao longo dessa trajetória, especialmente nos momentos de incerteza. Sua orientação e confiança foram fundamentais para a realização deste trabalho.

TERMO DE APROVAÇÃO

ERILANE SEABRA MELO

ESCREVIVÊNCIA E INFÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE
ILUSTRAÇÃO COM CRIANÇAS NEGRAS EM OIAPOQUE/AP

Artigo aprovado em 24/03/2026 como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amapá/ Campus Binacional de Oiapoque.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Leyla Menezes de Santana
Universidade Federal do Amapá/ Campus Binacional
Orientadora

Profa. Dra. Lucineia Alves dos Santos
Universidade Federal do Amapá/ Campus Binacional
Examinadora

Profa. Ma. Katia Ligia Vieira Lira
Universidade Federal do Amapá/ Campus Binacional
Examinadora

OIAPOQUE – AP

2026

ESCREVIVÊNCIA E INFÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE ILUSTRAÇÃO COM CRIANÇAS NEGRAS EM OIAPOQUE/AP

ERILANE SEABRA MELO ¹

RESUMO

Este artigo analisa a experiência pedagógica de uma oficina de ilustração realizada com crianças negras no Quilombo Kulumbu do Patuazinho, no município de Oiapoque, Amapá, inspirada nas escrituras produzidas por mulheres do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque (Comuneo). O estudo emerge de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no âmbito do Programa Afrocientista do Amapá (PROAFRO/FAPEAP), da qual a autora participou como pesquisadora voluntária entre novembro de 2024 e outubro de 2025. A investigação foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, orientada pelos princípios da pesquisa-ação crítico-colaborativa, envolvendo diretamente as mulheres do coletivo e a comunidade nas atividades realizadas. O referencial teórico articula as contribuições do feminismo negro, especialmente a partir de Djamila Ribeiro (2016; 2018), o conceito de escritura formulado por Conceição Evaristo (2020) e as discussões sobre educação antirracista a partir de Barbara Carine Soares Pinheiro (2023). Como desdobramento das oficinas de escritura realizadas com as mulheres do coletivo, foi promovida uma oficina de ilustração com crianças negras, de faixa etária entre 05 e 13 anos, na comunidade quilombola, na qual suas narrativas produzidas pelas mulheres foram adaptadas para uma linguagem infantil e reinterpretadas pelas crianças por meio de desenhos. A análise das ilustrações e das falas das crianças evidenciou o potencial pedagógico das escrituras como ferramenta para o fortalecimento da identidade negra, da memória coletiva e de práticas educativas antirracistas desde a infância. Conclui-se que a articulação entre narrativas de mulheres negras, linguagem artística e participação das crianças constitui uma experiência formativa potente para a valorização das histórias, saberes e resistências das comunidades negras.

Palavras-chave: Escritura. Infância negra. Educação antirracista. Feminismo negro; Coletivo de mulheres negras de Oiapoque.

ABSTRACT

This article analyzes the pedagogical experience of an illustration workshop held with Black children in the Quilombo Kulumbu do Patuazinho, in the municipality of Oiapoque, Amapá, inspired by the lived experiences produced by women from the Oiapoque Black Women's Collective (Comuneo). The study emerges from a broader research project developed within the scope of the Afro-Scientist Program of Amapá (PROAFRO/FAPEAP), in which the author participated as a volunteer researcher between November 2024 and October 2025. The investigation was conducted using a qualitative approach, guided by the principles of critical-collaborative action research, directly involving the women of the collective and the community in the activities carried out. The theoretical framework articulates the contributions of Black feminism, especially from Djamila Ribeiro (2016; 2018), the concept of lived experience formulated by Conceição Evaristo (2020), and discussions on anti-racist education from Barbara Carine Soares Pinheiro (2023). As a follow-up to the writing workshops held with the women of the collective, an illustration workshop was promoted with Black children, aged

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amapá/ Campus Binacional de Oiapoque. Contato: erilanemelo1997@gmail.com

between 5 and 13 years old, in the quilombola community. In this workshop, the narratives produced by the women were adapted into child-friendly language and reinterpreted by the children through drawings. The analysis of the illustrations and the children's statements highlighted the pedagogical potential of writing as a tool for strengthening Black identity, collective memory, and anti-racist educational practices from childhood. It is concluded that the articulation between narratives of Black women, artistic language, and children's participation constitutes a powerful formative experience for valuing the histories, knowledge, and resistance of Black communities.

Keywords: Escrivivência. Black childhood; Anti-racist education. Black feminism; Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque.

1 INTRODUÇÃO

O feminismo negro constitui-se como um campo teórico, político e epistemológico que problematiza as múltiplas formas de opressão que atravessam a vida das mulheres negras, especialmente nas intersecções entre raça, gênero e classe. Diferentemente das perspectivas universalizantes do feminismo, que muitas vezes não contemplaram as especificidades das experiências das mulheres negras, o feminismo negro emerge como um movimento que reivindica visibilidade, reconhecimento e justiça social para essas mulheres, historicamente silenciadas e invisibilizadas nas estruturas sociais e nos espaços de produção de conhecimento. Nesse sentido, Djamila Ribeiro (2018) aponta que a compreensão das desigualdades sociais exige uma análise interseccional, capaz de evidenciar como as opressões se combinam e produzem formas específicas de marginalização que afetam de maneira particular as mulheres negras.

No Brasil, o feminismo negro também se articula à valorização das narrativas e das experiências de vida das mulheres negras como formas legítimas de produção de conhecimento. Nessa perspectiva, a noção de escrevivência, elaborada pela escritora Conceição Evaristo (2020), constitui-se como uma importante ferramenta teórico-metodológica, pois propõe uma escrita que nasce da experiência vivida e que, ao narrar trajetórias individuais, revela dimensões coletivas da história e da memória do povo negro. A escrevivência rompe com a lógica do silenciamento histórico das vozes negras e transforma a experiência em narrativa política, afirmando a centralidade das vivências e da ancestralidade na produção do conhecimento.

É nesse contexto que se insere o Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque (Comuneo), movimento social localizado no município de Oiapoque, no estado do Amapá, na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. O coletivo reúne, desde 2020, mulheres negras que atuam na defesa dos direitos das mulheres, na valorização da identidade negra e na promoção de ações formativas e culturais voltadas para o enfrentamento do racismo e do sexismo.

Suas práticas organizativas incluem rodas de conversa, mobilizações sociais, atividades formativas e ações comunitárias que fortalecem os laços de solidariedade e resistência entre as mulheres do território. Nesse sentido, o Comuneo constitui-se como um espaço de articulação política, produção de saberes e fortalecimento identitário, no qual as experiências das mulheres negras são compartilhadas, refletidas e transformadas em práticas coletivas de resistência.

A pesquisa intitulada “Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque: entrelaços de resistência a partir do feminismo negro”, vinculada ao Programa Afrocientista do Amapá (PROAFRO/FAPEAP)² através da Chamada Pública N° 007/2024, teve como objetivo analisar as dinâmicas vivenciadas pelas participantes do coletivo, evidenciando suas formas de resistência, seus modos de vida e as práticas de organização coletiva desenvolvidas no território de fronteira. A investigação foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, orientada pelos princípios da pesquisa-ação crítico-colaborativa, que articula produção de conhecimento e intervenção social, envolvendo diretamente as participantes do coletivo na construção das reflexões e das ações desenvolvidas ao longo do processo investigativo.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nasce no interior dessa pesquisa mais ampla. A autora deste trabalho participou da investigação como pesquisadora voluntária no período de novembro de 2024 a outubro de 2025, acompanhando e colaborando com as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto, tais como rodas de conversa, oficinas formativas e ações comunitárias promovidas pelo coletivo. A experiência de participação na pesquisa possibilitou o contato direto com as práticas do feminismo negro vivenciadas pelas mulheres do Comuneo, bem como com os processos de produção de narrativas autobiográficas por meio da escrevivência.

Entre as atividades desenvolvidas no contexto da pesquisa, destacam-se as oficinas de escrevivência, realizadas com o objetivo de estimular as mulheres do coletivo a narrar suas trajetórias de vida, experiências e memórias por meio da escrita. A partir dessas narrativas, emergiu a proposta de construção de um livro coletivo de escrevivências, reunindo histórias que expressam as vivências, os enfrentamentos e as resistências das mulheres negras do território. No desdobramento dessa proposta, foi realizada também uma oficina de ilustração com crianças negras no Quilombo Kulumbu do Patuazinho, na qual as narrativas produzidas

² Pesquisa aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIFAP, com o parecer 7.863.951, coordenada pela professora Leyla Menezes de Santana em colaboração com a professora Lucineia Alves dos Santos e as bolsistas afrocientistas Sara Jane Soares e Eriane Seabra Melo, ambas da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional de Oiapoque.

pelas mulheres foram adaptadas para uma linguagem acessível às crianças, que, por sua vez, produziram desenhos e ilustrações inspiradas nas histórias compartilhadas.

Essa experiência revelou a potência pedagógica e cultural do diálogo intergeracional, no qual as narrativas das mulheres negras são reinterpretadas pelas crianças por meio da linguagem artística, fortalecendo processos de identificação, pertencimento e valorização da ancestralidade negra. Nesse sentido, a oficina de ilustração tornou-se um espaço de aprendizagem, criatividade e reflexão sobre o racismo, a identidade negra e a memória coletiva, evidenciando o papel das crianças como participantes ativas na construção e continuidade das narrativas da comunidade.

Diante desse contexto, emerge a seguinte problemática de pesquisa: de que maneira a experiência da oficina de ilustração com crianças negras, inspirada nas escrevivências produzidas pelas mulheres do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque, contribui para a valorização das narrativas negras, da memória coletiva e da construção de processos educativos antirracistas?

A relevância deste estudo justifica-se por diferentes razões. Em primeiro lugar, destaca-se a importância de produzir conhecimento acadêmico a partir das experiências e das práticas desenvolvidas por coletivos de mulheres negras, reconhecendo esses espaços como territórios legítimos de produção de saberes. Em segundo lugar, a pesquisa contribui para o fortalecimento das discussões sobre educação antirracista, valorizando a participação das crianças nos processos de construção da memória e da identidade coletiva. Por fim, o trabalho também reforça o compromisso social da universidade com as comunidades locais, especialmente no que se refere à promoção da igualdade racial, à valorização das culturas afro-brasileiras e ao reconhecimento das experiências de mulheres negras como fontes fundamentais de conhecimento e transformação social.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral: analisar a experiência da oficina de ilustração realizada com crianças negras no quilombo a partir das escrevivências produzidas pelas mulheres do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque, evidenciando suas contribuições para a valorização das narrativas negras, da memória coletiva e da educação antirracista. Já os objetivos específicos foram: contextualizar a origem e as ações do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque no âmbito das lutas do feminismo negro no território de fronteira; discutir o conceito de escrevivência como ferramenta de produção de narrativas e de fortalecimento das experiências das mulheres negras; descrever o processo de realização das oficinas de escrevivência e da oficina de ilustração com crianças negras no Quilombo Kulumbu

do Patuazinho; analisar as contribuições pedagógicas, culturais e identitárias da participação das crianças na construção das ilustrações inspiradas nas escrituras.

A partir dessa abordagem, este trabalho busca evidenciar como a articulação entre feminismo negro, escritura e práticas educativas comunitárias pode contribuir para a construção de experiências formativas que valorizem a memória, a ancestralidade e as narrativas das mulheres negras, fortalecendo processos de resistência e produção de conhecimento em contextos historicamente marcados pela invisibilização dessas vozes.

Para o desenvolvimento das reflexões propostas, este artigo está organizado em cinco seções, além desta introdução. Na segunda seção apresentam-se os procedimentos metodológicos que orientaram a investigação, destacando a abordagem qualitativa e a pesquisa-ação crítico-colaborativa que fundamentou as atividades desenvolvidas com o Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque. Na terceira seção são discutidos os aportes teóricos que sustentam a pesquisa, dialogando com as contribuições de Djamila Ribeiro (2016, 2018) sobre feminismo negro e interseccionalidade, de Conceição Evaristo (2020) acerca da escritura como escrita de resistência e de Barbara Carine Soares Pinheiro (2023) sobre educação antirracista e infância negra. Já na quarta seção, apresenta-se a experiência da oficina de ilustração com crianças negras no Quilombo Kulumbu do Patuazinho, descrevendo sua proposta pedagógica, o desenvolvimento das atividades e suas contribuições para a valorização da memória, da identidade e da ancestralidade negra. Por fim, na quinta seção, são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: DA PESQUISA AFROCIENTISTA ATÉ A OFICINA DE ILUSTRAÇÃO COM AS CRIANÇAS

A pesquisa que fundamenta este artigo foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, por compreender que esse tipo de investigação possibilita aprofundar a análise de fenômenos sociais a partir das experiências, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos no processo investigativo. Conforme destaca Goldenberg (2004), a pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos sociais em sua complexidade, valorizando os sentidos construídos pelos participantes em seus contextos de vida.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa foi orientada pelos princípios da pesquisa-ação em uma perspectiva crítico-colaborativa, conforme proposta por Pimenta (2005). Essa abordagem parte do pressuposto de que a produção de conhecimento não deve ocorrer de forma distanciada da realidade social investigada, mas sim em diálogo com os sujeitos participantes

da pesquisa, envolvendo-os ativamente nos processos de reflexão, análise e construção coletiva do conhecimento.

A pesquisa-ação crítico-colaborativa pressupõe, portanto, uma relação dialógica entre pesquisador e participantes, na qual a investigação se articula à ação, buscando produzir transformações na realidade investigada ao mesmo tempo em que constrói conhecimentos sobre ela. Dessa forma, as mulheres do coletivo não foram apenas participantes da pesquisa, mas também colaboradoras na construção das reflexões e das atividades desenvolvidas ao longo do processo investigativo.

Nesse contexto, foram utilizados diferentes procedimentos metodológicos, construídos de forma participativa com as integrantes do coletivo e com a comunidade, entre os quais se destacam as oficinas de escrevivência e a oficina de ilustração realizada com crianças negras na comunidade quilombola, que neste artigo está em relevância.

As oficinas de escrevivência, inspiradas na proposta teórica da escritora Conceição Evaristo (2020) tiveram como objetivo estimular as mulheres do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque a narrar suas histórias de vida, suas memórias e suas experiências de resistência por meio da escrita. Esse processo possibilitou que as participantes reconhecessem suas trajetórias como fontes legítimas de conhecimento e de produção de memória coletiva.

Vale afirmar que a escrevivência é compreendida como uma forma de escrita que nasce da experiência vivida, na qual as narrativas individuais se conectam às histórias coletivas das mulheres negras.

Durante as oficinas, as mulheres foram convidadas a compartilhar suas narrativas em um ambiente de escuta e acolhimento, promovendo um processo de construção coletiva de sentidos sobre suas experiências enquanto mulheres negras em um território marcado por desigualdades sociais e raciais.

As escrevivências produzidas nesse processo deram origem a um conjunto de textos que posteriormente passaram a compor o livro intitulado “Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque: escrevivências entrelaçadas por resistências”. Este livro, que está em fase editoração, reúne histórias que expressam as vivências, os enfrentamentos e as resistências das mulheres do coletivo.

Como desdobramento das oficinas de escrevivência, foi realizada também uma oficina de ilustração com crianças negras na comunidade quilombola, com o objetivo de aproximar as narrativas produzidas pelas mulheres do coletivo do universo das infâncias negras.

Para a realização dessa atividade, espinha dorsal desta pesquisa de TCC, algumas escrevivências foram adaptadas para uma linguagem acessível às crianças, sendo lidas e

discutidas coletivamente durante a oficina. Após esse momento de leitura e conversa, as crianças foram convidadas a produzir desenhos e ilustrações inspiradas nas histórias apresentadas.

A oficina constituiu-se como um espaço de criatividade, expressão artística e diálogo intergeracional, no qual as crianças puderam interpretar as narrativas das mulheres a partir de suas próprias percepções e experiências. Além disso, a atividade possibilitou trabalhar temas relacionados à identidade negra, à ancestralidade e ao enfrentamento do racismo de forma lúdica e educativa.

Dessa forma, a oficina de ilustração contribuiu para ampliar os sentidos das escrevivências, transformando as narrativas escritas em imagens produzidas pelas crianças, fortalecendo a memória coletiva e estimulando processos educativos voltados para a valorização das histórias e das identidades negras no território.

3 REFERENCIAL TEÓRICO: FEMINISMO NEGRO, ESCREVIVÊNCIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Esta seção apresenta o referencial teórico que fundamenta a análise desenvolvida neste trabalho, articulando três eixos centrais para a compreensão da pesquisa: o feminismo negro, a escrevivência e a educação antirracista. Destaca-se que a escolha teórica realizada neste estudo parte do compromisso epistemológico de pensar essas categorias a partir das contribuições de intelectuais negras, reconhecendo seus saberes, produções e experiências como fundamentais para a construção de perspectivas críticas sobre raça, gênero, identidade e educação, tais como Djamila Ribeiro (2016; 2018), Conceição Evaristo (2020) e Barbara Carine S. Pinheiro (2023).

3.1 FEMINISMO NEGRO: RAÇA, GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE

Pensar a sociedade a partir do feminismo negro é compreender as desigualdades sociais por meio de uma perspectiva que evidencia as estruturas que historicamente negam direitos, acessos e reconhecimento às mulheres negras.

Trata-se de uma abordagem que denuncia as formas pelas quais o racismo e o sexismo reduzem e objetificam os corpos negros, impactando diretamente suas condições de vida, suas expectativas e seus projetos de futuro. Nesse contexto, muitas mulheres negras vivem constantemente em um modo de sobrevivência, marcado pela luta diária contra violências estruturais que comprometem seu bem-estar e seu direito ao bem viver (Ribeiro, 2018).

Pensar como as opressões se combinam e se entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se considerar outras possibilidades de existência. Além disso, o arcabouço teórico e crítico trazido pelo feminismo negro serve como instrumento para se pensar não apenas sobre as próprias mulheres negras, categoria também diversa, mas sobre o modelo de sociedade que queremos. Mulheres negras vêm historicamente pensando a categoria ‘mulher’ de forma não universal e crítica, apontando sempre para a necessidade de se perceber outras possibilidades de ser mulher (Ribeiro, 2018, p.122-123).

Nesse sentido, analisar a sociedade a partir do feminismo negro não significa tratar a experiência das mulheres negras como um simples “recorte”, mas reconhecer essas mulheres como sujeitas históricas e produtoras de conhecimento.

Conforme discute Djamila Ribeiro (2018), essa perspectiva possibilita que mulheres negras contem suas próprias histórias e ocupem espaços historicamente negados, rompendo com processos de silenciamento e invisibilização. Para a autora, pensar o feminismo negro implica compreender que as opressões sociais não atuam de forma isolada, mas se articulam na vida das mulheres negras.

Nesse sentido

Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos, pois quando se pensa a partir da realidade das mulheres negras, que estão na base da pirâmide social, é possível compreender de forma mais ampla as estruturas de opressão que organizam a sociedade (Ribeiro, 2018, p. 7).

Mais do que uma luta restrita à identidade ou ao gênero, o feminismo negro constitui-se como uma luta por direitos democráticos e por justiça social. Ao trazer a raça como um marcador central de análise, articulado às dimensões de gênero e classe por meio da perspectiva da interseccionalidade, essa abordagem evidencia que a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática exige o enfrentamento das desigualdades raciais, de gênero e sociais que atravessam a vida das mulheres negras.

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável (Ribeiro, 2016, p. 101).

Historicamente, o feminismo hegemônico, marcado pela experiência de mulheres brancas, não contemplou plenamente as demandas e realidades das mulheres negras. Enquanto muitas pautas do feminismo universal estavam voltadas para conquistas como o direito ao voto

e à inserção no mercado de trabalho, as mulheres negras enfrentavam outras urgências, relacionadas à própria garantia da vida, ao reconhecimento de sua humanidade e ao direito de exercer plenamente sua maternidade e sua autonomia. Nesse contexto, as experiências das mulheres negras revelam como as opressões de raça e gênero se articulam de forma específica em suas trajetórias.

Ao reconhecer essas múltiplas opressões, essa perspectiva contribui para ampliar o debate sobre justiça social e democracia, ao mesmo tempo em que fortalece a importância da coletividade e da ancestralidade como espaços de resistência, acolhimento e construção de novas possibilidades de existência para as mulheres negras.

3.2 ESCRIVÊNCIA E MEMÓRIA COLETIVA: A ESCRITA DE RESISTÊNCIA

No contexto das atividades desenvolvidas na pesquisa “Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque: entrelaços de resistência a partir do feminismo negro”, foi realizada uma oficina (dividida em duas etapas) de escrivência ministrada pela professora Lucineia Alves dos Santos, com o objetivo de apresentar às participantes do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque o conceito de escrivência e estimular a produção de narrativas a partir de suas próprias trajetórias de vida.

A oficina constituiu-se como um espaço de escuta, reflexão e partilha de experiências, no qual as mulheres foram convidadas a transformar suas memórias e vivências em textos que expressassem suas histórias, identidades e processos de resistência.

Na oficina, o conceito de escrivência, elaborado pela escritora Conceição Evaristo, foi explicitado e compreendeu-se que ele se refere a uma forma de escrita que nasce das experiências vividas por sujeitos historicamente silenciados, especialmente mulheres negras. “Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado” (Evaristo, 2020, p. 30).

A escrivência articula memória, identidade e experiência, transformando vivências individuais em narrativas que também expressam dimensões coletivas da história do povo negro. Ao propor esse conceito, Evaristo reivindica o direito de pessoas negras contarem suas próprias histórias, rompendo com uma tradição em que suas trajetórias foram narradas por outros olhares, muitas vezes marcados por estereótipos e processos de invisibilização. Nesse sentido, a autora afirma que “a nossa escrivência não é para adormecer os da casa-grande, e

sim para acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30), evidenciando o caráter político e transformador dessa forma de escrita.

Ao refletir sobre a escrevivência, é possível compreender que, embora cada sujeito possua uma trajetória individual, as histórias das mulheres negras frequentemente se entrelaçam por meio de experiências comuns de resistência, luta e sobrevivência. Essas narrativas compartilhadas constituem uma memória coletiva que fortalece os vínculos entre as mulheres negras e amplia a compreensão sobre suas trajetórias e desafios.

Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (Evaristo, 2020, p.38).

A escrevivência constitui-se como uma forma de valorização das experiências negras, afirmando que os saberes presentes nas memórias individuais e coletivas precisam ser compartilhados e reconhecidos como produção legítima de conhecimento. Ao narrar essas histórias, rompe-se com uma tradição em que a população negra foi frequentemente representada por olhares externos.

Vale destacar que o racismo estrutural também se manifesta por meio do silenciamento das vozes negras. Historicamente, quando pessoas brancas escrevem ou falam sobre o racismo, muitas vezes são reconhecidas como autoridades ou mediadoras desse debate. Por outro lado, quando pessoas negras narram suas próprias experiências e denunciam as violências que vivenciam, frequentemente são deslegitimadas, sendo acusadas de exagero ou de vitimização.

Dessa forma, escrever as próprias histórias, configura-se como um ato político e de resistência. Ao transformar experiências vividas em narrativas, as mulheres negras afirmam suas identidades, suas memórias e seus saberes, rompendo com processos históricos de silenciamento. A escrevivência, portanto, não apenas registra trajetórias individuais, mas também preserva memórias coletivas e produz legados para as gerações futuras, reafirmando a importância da escrita como instrumento de resistência, afeto e continuidade da história do povo negro. Um exemplo desse processo é o livro *Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque: escrevivências entrelaçadas por resistências*, fruto das oficinas de escrevivência realizadas no âmbito da pesquisa, que reúne narrativas produzidas pelas mulheres do coletivo e materializa, por meio da escrita, suas trajetórias, memórias e experiências de luta.

3.3 EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E INFÂNCIA NEGRA

A experiência vivenciada pelas crianças de ilustrar as narrativas das mulheres negras evidencia o quanto a escrevivência é uma ferramenta pedagógica no campo da educação antirracista, favorecendo processos de valorização da identidade negra desde a infância. Assim, ao transformar as escrevivências em imagens, as crianças passaram a dialogar com as memórias, identidades e experiências presentes nos textos, estabelecendo um importante processo de mediação entre narrativa, infância e ancestralidade.

Portanto, torna-se fundamental discutir o papel da educação antirracista na formação das crianças. Um dos aspectos centrais desse debate refere-se à construção subjetiva da infância negra, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento dessas crianças como protagonistas de suas próprias histórias. Em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural, a escola possui um papel fundamental na construção de práticas educativas que contribuam para o fortalecimento da identidade negra e para a valorização das trajetórias históricas e culturais da população negra.

De acordo com Barbara Carine Soares Pinheiro (2023), a construção de uma educação antirracista exige um posicionamento ativo por parte dos educadores e das instituições escolares no enfrentamento do racismo. Para a autora, a escola não pode se manter neutra diante das desigualdades raciais, pois essa neutralidade tende a reproduzir estruturas historicamente excludentes. Nesse sentido, “ser um educador antirracista significa reconhecer o racismo como estrutura da sociedade e assumir o compromisso de enfrentá-lo por meio de práticas pedagógicas conscientes e transformadoras” (Pinheiro, 2023, p. 23).

É necessário que todos os sujeitos que compõem o ambiente escolar, desde a gestão, passando pelos profissionais da escola até os docentes, compreendam seu papel formativo na construção de uma educação comprometida com a equidade racial. Por essa razão, o letramento racial dos profissionais da educação é imprescindível, possibilitando a revisão de práticas pedagógicas e a desconstrução de perspectivas de ensino que historicamente reproduziram desigualdades raciais (Pinheiro, 2023).

O fortalecimento da identidade negra na infância também está relacionado à valorização das culturas afro-brasileiras no ambiente escolar. Isso implica promover o contato das crianças com histórias, manifestações culturais, produções intelectuais e trajetórias de personalidades negras que contribuíram para diferentes áreas da sociedade, como a ciência, a política, a cultura e as artes. Ao ampliar essas referências, rompe-se com visões estereotipadas que historicamente associaram a população negra apenas a contextos de escravidão ou marginalização.

Nesse sentido, é fundamental que a escola contribua para que as crianças negras possam se reconhecer de forma positiva em suas histórias e em suas identidades. Quando têm acesso a narrativas que evidenciam as potências, saberes e produções da população negra, ampliam-se as possibilidades de construção de autoestima, pertencimento e valorização de si e de seus pares.

Além disso, a educação antirracista encontra respaldo em marcos legais importantes, como a Lei nº 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos escolares. Entretanto, mais do que cumprir uma exigência legal, a efetivação dessa proposta demanda o comprometimento dos educadores com a construção de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade e contribuam para o enfrentamento do racismo.

Assim, ser um educador antirracista implica desenvolver uma postura crítica diante das desigualdades sociais e raciais, reconhecendo a importância de promover uma educação que valorize a diversidade, fortaleça identidades e contribua para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

4 A OFICINA DE ILUSTRAÇÃO COM AS CRIANÇAS NEGRAS: ESCRIVÊNCIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A oficina de ilustração com as crianças negras no Quilombo Kulumbu do Patuazinho constituiu-se como um dos momentos centrais desta pesquisa, pois possibilitou aproximar as escrituras produzidas pelas mulheres do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque do universo das infâncias negras. A atividade buscou promover um diálogo intergeracional entre as narrativas das mulheres e as interpretações das crianças, utilizando a linguagem artística como estratégia pedagógica para discutir identidade, memória e educação antirracista.

Assim, a organização desta seção segue a sequência: proposta, experiência e análise. O objetivo é apresentar o percurso da oficina realizada com as crianças. Inicialmente, descreve-se a proposta pedagógica da atividade. Em seguida, apresenta-se a experiência vivenciada durante a realização da oficina, evidenciando as dinâmicas desenvolvidas e a participação das crianças no processo. Por fim, na etapa de análise, não se pretende realizar inferências interpretativas sobre as produções das crianças, mas sim apresentar e descrever o que elas próprias expressaram a respeito de seus desenhos e das histórias trabalhadas, valorizando suas falas como parte fundamental da construção de sentidos na atividade.

4.1 A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA OFICINA

A proposta da oficina foi desenvolvida com o objetivo de possibilitar que as crianças ilustrassem as escrituras produzidas pelas mulheres do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque. A intenção foi levar essas narrativas para o universo das infâncias negras, favorecendo processos de identificação, reconhecimento e reflexão sobre as experiências narradas nos textos, bem como sobre as manifestações do racismo presentes na sociedade.

A oficina também buscou dialogar com a perspectiva do letramento racial, compreendido como um processo fundamental para que crianças negras possam reconhecer e compreender as dinâmicas do racismo, desenvolvendo instrumentos para identificá-lo e enfrentá-lo. Nesse sentido, torna-se importante que essas crianças se percebam como sujeitos de suas próprias histórias, fortalecendo sua autoestima e sua identidade em um contexto social ainda marcado por desigualdades raciais.

Para a realização da atividade, foram selecionadas duas escrituras produzidas por mulheres do coletivo, que foram adaptadas para uma linguagem mais acessível às crianças. Essa adaptação teve como objetivo facilitar a compreensão das narrativas e tornar o momento mais envolvente. Além da contação das histórias, a oficina contou com momentos de dança, jogos e interação coletiva, contribuindo para que a atividade se tornasse mais dinâmica, participativa e significativa para as crianças.

A experiência também evidencia que os processos educativos não se restringem aos espaços formais da escola. A educação acontece em diferentes contextos da vida cotidiana e pode ser construída em diálogo com a comunidade, com a cultura e com as experiências vividas pelas crianças em seus territórios.

Nesse sentido, trabalhar a valorização da identidade negra com crianças torna-se um processo fundamental, especialmente quando se considera que, em muitos contextos escolares, as histórias e contribuições da população negra ainda aparecem de forma limitada ou associadas apenas a narrativas de sofrimento, escravidão ou marginalização. A ausência de referências positivas sobre a presença negra na história, na ciência, na cultura e em outras áreas da sociedade pode contribuir para o enfraquecimento da autoestima das crianças negras. Como destaca Nilma Lino Gomes, “a identidade negra é uma construção social, histórica e cultural, que se forma nas relações estabelecidas pelos sujeitos em diferentes espaços sociais, entre eles a escola” (Gomes, 2005, p. 43).

Diante desse cenário, torna-se fundamental promover práticas educativas que valorizem as produções, saberes e trajetórias da população negra, possibilitando que as crianças

reconheçam a si mesmas como parte dessa história. Ao terem contato com narrativas que evidenciam as potências e contribuições do povo negro para a construção da sociedade, ampliam-se as possibilidades de que essas crianças se percebam como sujeitos capazes de produzir conhecimento, cultura e transformação social.

4.2 A REALIZAÇÃO DA OFICINA: NARRATIVAS E PRODUÇÃO ARTÍSTICA

A oficina foi realizada no dia 01/11/2025, era um sábado a tarde, das 14h às 18h. A organização contou com diferentes momentos pedagógicos, objetivando promover acolhimento, diálogo, reflexão e expressão artística entre as crianças participantes. As atividades foram pensadas de forma dinâmica e participativa, buscando estimular a valorização da identidade negra, o reconhecimento das experiências narradas nas escrituras e o fortalecimento da autoestima das crianças.

A escolha do quilombo como local de realização da oficina não ocorreu de forma aleatória. Uma das integrantes e ativistas do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque é moradora da comunidade quilombola, o que fortalece os vínculos entre o coletivo e o território. Além disso, o quilombo constitui-se como um espaço onde o coletivo já desenvolve diferentes ações sociais e comunitárias. Dessa forma, optou-se por realizar a atividade nesse território, buscando fortalecer o diálogo entre as ações do coletivo e a comunidade local.

Para a oficina, participaram seis crianças negras, filhas de mulheres do Comuneo que não residem no quilombo, que se somaram a outras vinte e quatro crianças negras moradoras do quilombo, totalizando trinta participantes na atividade. As crianças tinham idades aproximadas entre 5 e 13 anos.

a) O **primeiro momento** da oficina foi marcado por uma dinâmica de acolhimento, conduzida por Sara Jane Soares³, denominada “dinâmica do espelho”. Durante a atividade, cada criança era convidada a olhar dentro de uma caixa fechada que continha um espelho. Antes de abrir a caixa, era feita a pergunta: “O que você mais gosta nessa pessoa?”. Ao olhar dentro da caixa, a criança via sua própria imagem. A dinâmica tinha como objetivo estimular a valorização da identidade das crianças, abordando aspectos como a cor da pele, o cabelo, as características físicas e a cultura.

Durante esse momento, muitas crianças destacaram que gostavam de seu cabelo e de sua cor de pele, enquanto algumas demonstraram dificuldade em expressar suas percepções

³ Pesquisadora Bolsista na pesquisa Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque: entrelaços de resistência a partir do feminismo negro; Atua de forma engajada nas lutas sociais por meio do COMUNEO.

sobre si mesmas. Ao final da dinâmica, foi realizada uma reflexão coletiva sobre como o racismo historicamente tenta inferiorizar as características associadas ao corpo negro, especialmente em relação aos padrões estéticos predominantes na sociedade, que ainda são fortemente marcados pela lógica da branquitude. Nesse processo de construção da identidade, sobretudo na infância, tornou-se importante enfatizar que os traços físicos das crianças são heranças de seus ancestrais e que a população negra possui uma história marcada por inteligência, criatividade e capacidade de produzir conhecimento e transformação social.

b) No **segundo momento** da oficina foi realizada uma roda de conversa conduzida por Dayene Soeiro⁴, na qual o tema do racismo foi abordado de forma dialogada com as crianças. Inicialmente, foram feitas algumas perguntas para estimular a participação das crianças, como: “*O que é racismo?*” e “*Algum de vocês já sofreu ou presenciou racismo?*”. A partir das respostas apresentadas, foi possível perceber os conhecimentos prévios das crianças sobre o tema e suas experiências relacionadas à discriminação racial.

De forma acolhedora, Dayene explicou que o racismo se caracteriza como uma forma de preconceito e discriminação contra pessoas em razão da cor da pele, do cabelo ou de outras características físicas. Durante a conversa, também foram compartilhadas palavras de incentivo e valorização, destacando a importância de que as crianças reconheçam e valorizem sua identidade, sua cor, seus cabelos e suas origens. Esse momento buscou fortalecer a autoestima das crianças e reafirmar a beleza e a potência das identidades negras.

c) O **terceiro momento** da oficina foi dedicado à contação das escrituras produzidas pelas mulheres do coletivo, trazendo para as crianças narrativas que abordam experiências, identidades e trajetórias de mulheres negras. Foram selecionadas duas histórias, apresentadas em momentos distintos de contação.

A primeira história narrada foi “*Ser parda também é ser negra*”, que aborda reflexões sobre identidade racial e reconhecimento da negritude. A narrativa apresenta a trajetória de uma menina chamada Parda, que vive um processo de descoberta e compreensão de sua identidade racial a partir do contato com mulheres negras que discutem história, cultura e pertencimento. A história problematiza dúvidas e questionamentos relacionados à identidade negra, mostrando que o reconhecimento da própria história e das raízes familiares constitui um processo importante de construção identitária.

⁴ Cofundadora do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque e defensora impecável do feminismo negro e das causas sociais.

Ser parda também é ser negra

Era uma vez uma menina chamada Parda.

Parda era parda e morava com sua família simples e amorosa. Ela tinha cinco irmãos, e juntos viviam muitas aventuras.

Parda sempre ouvia pessoas falando sobre ser negro, mas ela não entendia muito bem o que isso queria dizer. Sua pele não era muito escura e, por isso, ela ficava confusa sobre quem ela era.

Um dia, quando chegou o mês da Consciência Negra, parda ao sair da escola foi passear em uma praça da cidade e viu algo que chamou muito sua atenção.

Na praça havia um grupo de mulheres negras. Elas estavam lindas, usando roupas africanas coloridas, com turbantes e muitos sorrisos. Elas conversavam sobre história, cultura e orgulho de ser negro.

Parda ficou parada, quietinha, apenas observando e escutando.

De repente, uma das mulheres disse:

— As pessoas pardas também são pessoas negras. Nossa história e nossas raízes fazem parte disso.

Quando Parda ouviu aquilo, seu coração bateu mais forte. Sem perceber, ela falou baixinho:

— Então... eu sou negra.

Mas, depois daquele momento, começaram a surgir muitas dúvidas.

Algumas pessoas diziam:

— Negra? Mas você nem tem traços!

— Seu cabelo é liso...

— Sua pele é clara...

Esses comentários deixaram Parda confusa e pensativa. Ela sentia que precisava entender melhor quem ela era.

Com o tempo, Parda voltou à praça e começou a participar das conversas com aquelas mulheres. Elas falavam sobre história, identidade, respeito e amor pela própria origem.

Foi ali que Parda ouviu algo muito importante:

— Ser parda também faz parte da negritude. Nossa identidade é construída com nossa história, nossa família e nossas raízes.

Aos poucos, Parda começou a se olhar com mais carinho. Ela percebeu que sua identidade estava sendo construída passo a passo.

Um dia, olhando para o espelho, ela sorriu e pensou:

— Estou aprendendo quem eu sou. E tenho orgulho da minha história.

E assim, parda seguiu crescendo, descobrindo sua identidade e valorizando suas raízes, sempre lembrando que cada pessoa tem uma história única e especial.

Fonte: Adaptada pela autora a partir da escrevivência “Ser parda também é ser negra” (2025).

Após a contação dessa história, as crianças foram convidadas a produzir ilustrações inspiradas na narrativa, representando, por meio de desenhos, aquilo que compreenderam da história. A atividade teve como objetivo estimular a expressão artística das crianças e possibilitar que elas interpretassem as narrativas a partir de suas próprias percepções.

Em seguida, foi apresentada a segunda história, intitulada “*A menina e as cores do mundo*”⁵, que aborda o processo de reconhecimento da identidade negra e a valorização da

⁵ O título original da escrevivência é “*Afinal, não somos todos iguais?*”. Para a realização da oficina com as crianças, optou-se por adaptar o título para “*A menina e as cores do mundo*”, a fim de tornar a narrativa mais

própria história. A narrativa acompanha a trajetória de uma menina chamada Sara, que inicialmente não compreende as desigualdades raciais presentes em sua realidade, mas que, ao longo da história, passa a reconhecer o racismo e a valorizar sua identidade, sua cor e sua ancestralidade.

A Menina e as Cores do Mundo

Era uma vez uma menina chamada Sara, que acreditava que todo mundo era igual. Ela cresceu ouvindo isso em um lugar onde as pessoas falavam muito sobre Deus e sobre ser uma boa pessoa. Ali, sempre diziam: “Perante Deus, somos todos iguais”.

Só que, com o tempo, Sara começou a sentir que algo estava errado.

Quando ela ficava triste por causa de coisas que aconteciam com ela ou com sua família, diziam que era “culpa dela” ou que eram “maldições espirituais”. Ninguém queria falar sobre racismo, sobre pobreza ou sobre machismo. Diziam que era “mimimi”.

Aos poucos, Sara ficou confusa. Ela tinha a pele bonita, escura como o chocolate, mas quase nunca diziam isso para ela.

Em vez disso, ela aprendeu a ter vergonha da própria cor. Achava ruim quando lembravam que ela era negra. Nem queria falar da história do seu povo, dos seus cabelos e das suas raízes.

Mas toda história bonita tem uma virada de magia.

Um dia, Sara conheceu Dayene, uma mulher encantadora que sabia muitas coisas e ajudava outras pessoas negras a terem orgulho de si.

Ela deu para Sara um livro muito especial chamado “O Ódio que Você Semeia”. E parecia que aquele livro tinha um poder mágico.

Enquanto lia, Sara descobriu que existiam pessoas no mundo que tentavam fazer com que os negros não tivessem as mesmas oportunidades que os outros. Viu que era por isso que tanta coisa era difícil para ela e para a sua família.

E entendeu que aquilo não era culpa dela.

Sara chorou. Chorou de tristeza e de raiva, mas também de libertação.

Então algo muito bonito aconteceu dentro dela.

Ela descobriu o valor da sua história.

Descobriu que é forte porque muitas pessoas fortes vieram antes dela.

Descobriu que sua cor é uma cor de luta, de brilho e de amor.

Desde aquele dia, Sara começou uma grande aventura: a aventura de se conhecer, se cuidar e se amar exatamente como ela é.

E quando ela sente medo, ela se lembra:

“Eu sou feita das estrelas que meus ancestrais deixaram no céu.”

E segue em frente, com o coração cheio de coragem.

Porque as cores do mundo são muitas, e a cor de Sara é uma das mais belas de todas.

Fonte: Adaptada pela autora a partir da escriturização “Afinal, não somos todos iguais?” (2025).

Assim como na primeira atividade, após a contação dessa história, as crianças foram convidadas a produzir ilustrações inspiradas na narrativa. As histórias foram contadas pelas próprias autoras que as escreveram, e durante a contação também foram apresentadas imagens que ajudaram as crianças a visualizar melhor os acontecimentos narrados.

d) O **quarto momento** da oficina foi o encerramento celebrativo com roda de capoeira acompanhado de lanche coletivo, proporcionando um espaço de celebração, convivência e

adequada à linguagem infantil e favorecer a compreensão e o envolvimento das crianças com a história durante a atividade pedagógica.

valorização da cultura afro-brasileira. Nesse momento, as crianças já se encontravam mais à vontade e participaram da roda de capoeira de forma espontânea, inclusive aquelas que ainda não tinham tido contato com essa manifestação cultural.

A realização da atividade no quilombo também reforçou a dimensão simbólica e histórica desse território, que desde o período da escravização representa espaços de resistência, organização coletiva e preservação cultural da população negra. Estar nesse espaço, compartilhando saberes e experiências com as crianças da comunidade, constituiu-se como um momento de fortalecimento das identidades, das memórias e das lutas históricas do povo negro.

4.3 AS ILUSTRAÇÕES DAS CRIANÇAS: MEMÓRIA E IDENTIDADE

As ilustrações produzidas pelas crianças constituem uma importante forma de expressão de suas percepções sobre as narrativas apresentadas durante a oficina. Por meio do desenho, as crianças reinterpretaram as escrituras das mulheres do coletivo, traduzindo em imagens elementos relacionados à identidade, pertencimento, ancestralidade e valorização da história negra. Após a produção dos desenhos, as crianças também foram convidadas a explicar às parceiras o significado de suas ilustrações, compartilhando o que haviam compreendido das histórias e o que procuraram representar em suas produções. Dessa forma, as descrições apresentadas nesta seção consideram não apenas a observação das imagens, mas também as percepções expressas pelas próprias crianças sobre seus desenhos.

Nesse processo, a linguagem artística tornou-se um meio de diálogo entre as memórias narradas pelas mulheres e as interpretações construídas pelas crianças, revelando como essas histórias foram compreendidas e ressignificadas no universo das infâncias. A produção das ilustrações também evidencia o potencial pedagógico das escrituras quando compartilhadas com crianças, pois possibilita que narrativas de mulheres negras sejam apropriadas e reinterpretadas por novas gerações, fortalecendo processos de reconhecimento identitário e valorização da memória coletiva. Dessa forma, os desenhos não devem ser compreendidos apenas como representações visuais das histórias contadas, mas como expressões das formas pelas quais as crianças percebem e significam as experiências narradas.

Ao todo, participaram da oficina trinta crianças, todas convidadas a produzir ilustrações a partir das histórias apresentadas. Para fins de análise neste trabalho, foram selecionadas onze ilustrações consideradas representativas das diferentes interpretações elaboradas pelas crianças. Essa seleção teve caráter ilustrativo e analítico, uma vez que muitas das produções apresentavam elementos visuais semelhantes, demonstrando interpretações próximas das

narrativas trabalhadas. Dessa forma, optou-se por destacar alguns desenhos que sintetizam os principais aspectos presentes nas representações das crianças, como identidade, pertencimento, ancestralidade e valorização da história negra.

Ilustração 1: Agatha Marcelly/ 11 anos



A ilustração de Agatha Marcelly reúne elementos das duas escrevivências trabalhadas na oficina. No primeiro desenho, inspirado na história “Ser parda também é ser negra”, a criança representa o momento em que a personagem Parda observa um grupo de mulheres negras reunidas na praça, usando turbantes coloridos, destacando a beleza, a força e o orgulho dessas mulheres. Já no segundo desenho, referente à história A menina e as cores do mundo, Agatha retrata o momento em que Sara sai da igreja e inicia seu processo de descoberta identitária. Os olhos brilhando simbolizam o reconhecimento de sua força como mulher negra, enquanto as lágrimas representam os sentimentos de tristeza e revolta ao compreender que as dificuldades vividas por ela não eram culpa sua.

Ilustração 2: Gabriel/ 12 anos



A segunda ilustração é de Gabriel, que representa uma cena da história “Ser parda também é ser negra”. Em seu desenho, ele retrata o momento em que a personagem se olha no espelho e passa a reconhecer-se como uma mulher negra, aceitando sua identidade. A imagem evidencia o processo de

descoberta e afirmação da identidade da personagem, que passa a valorizar quem realmente é, mesmo diante de comentários de outras pessoas que questionavam sua negritude por causa de sua pele clara e de seu cabelo liso. Dessa forma, a ilustração de Gabriel destaca o momento de reconhecimento e valorização da identidade negra, evidenciando a importância do processo de autoaceitação apresentado na narrativa.

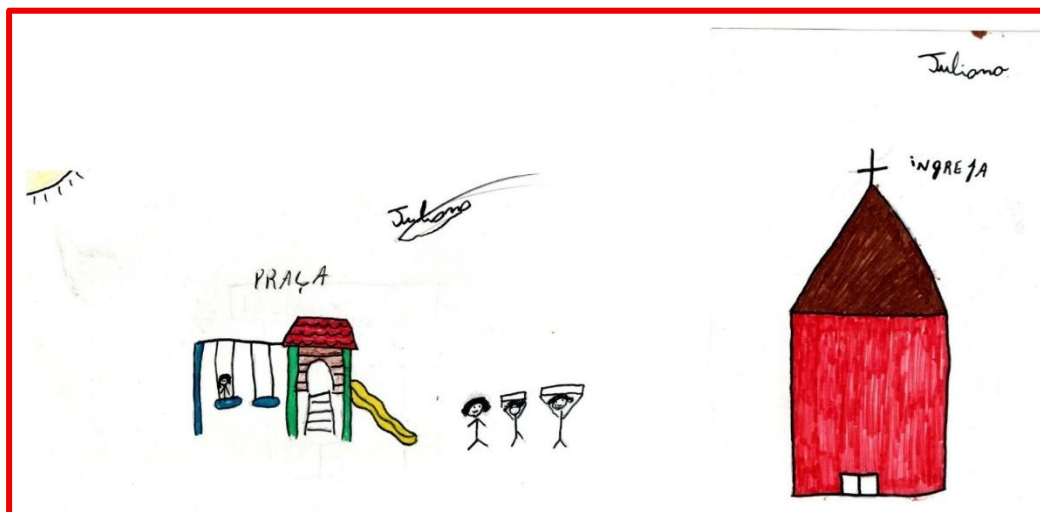
Ilustração 3: Jarderson / 13 anos



A ilustração 3 é de Jarderson e representa um momento da história “Ser parda também é ser negra”. Em seu desenho, ele ilustra uma escola, representando o lugar de onde a personagem Parda estava vindo antes de passar pela praça e encontrar o grupo de mulheres negras. Ao destacar a escola em sua

ilustração, Jarderson evidencia esse espaço como parte do percurso da personagem na narrativa, marcando o momento anterior ao encontro que contribui para o processo de descoberta e compreensão de sua identidade. O desenho sugere, portanto, o caminho percorrido pela personagem até o momento em que passa a refletir sobre sua identidade racial.

Ilustração 4: Juliana / Idade:12 anos



A quarta ilustração, produzida por Juliana, apresenta elementos das duas escrituras

trabalhadas durante a oficina. O primeiro desenho é um recorte da história “*Ser parda também é ser negra*” e representa o momento em que se inicia o processo de reconhecimento da identidade da personagem Parda como mulher negra. Na imagem, Juliana retrata a praça onde a personagem observa a movimentação de um grupo de mulheres negras reunidas. As mulheres aparecem segurando cartazes, que representam as falas e mensagens que Parda escuta durante aquele momento. A cena faz referência ao Dia da Consciência Negra, ocasião em que a personagem começa a refletir sobre sua identidade e a compreender melhor quem ela é. Já no segundo desenho, Juliana representa uma cena da história “*A menina e as cores do mundo*”. Em sua ilustração, ela desenha a igreja, local em que a personagem acreditava que, perante Deus, todas as pessoas eram iguais. A imagem representa o momento da história em que Sara ainda não havia reconhecido plenamente seu potencial como mulher negra. O desenho expressa esse período da narrativa em que a personagem ainda se encontrava em processo de descoberta e compreensão de sua própria identidade.

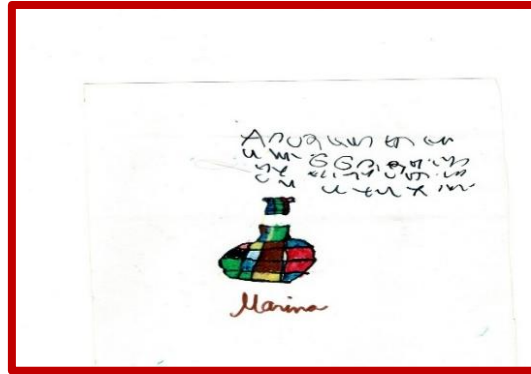
Ilustração 5: Laura / 8 anos



Laura apresenta em seu desenho uma representação da personagem Parda, da história “*Ser parda também é ser negra*”. Em sua ilustração, a criança desenha a personagem da forma como a imaginou, demonstrando delicadeza e felicidade em sua expressão. O desenho retrata Parda de maneira leve e sensível, evidenciando a forma como Laura percebeu a personagem ao longo da narrativa. Na ilustração também aparecem elementos como o sol e a predominância da cor azul no cenário, aspectos que contribuem para transmitir uma atmosfera de tranquilidade e alegria. Ao representar a personagem em um ambiente iluminado e colorido, Laura evidencia

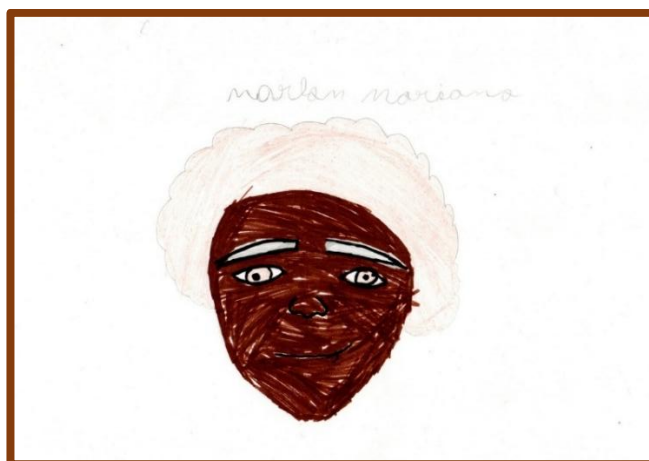
uma percepção positiva da personagem, valorizando sua beleza, sua identidade e o sentimento de felicidade presente na história.

Ilustração 6: Marina / 6 anos



Marina apresenta em seu desenho um recorte da história “*Ser parda também é ser negra*”. Em sua ilustração, a criança destaca especialmente as roupas coloridas presentes na cena. O desenho representa o momento em que a personagem encontra um grupo de mulheres negras reunidas na praça, usando turbantes e vestimentas coloridas. Esse encontro é um momento marcante na narrativa, pois é quando a personagem observa a força, a beleza e a identidade dessas mulheres. Ao destacar as cores e os elementos das roupas, Marina evidencia a importância desse momento da história, no qual a personagem começa a refletir sobre sua própria identidade e a reconhecer aspectos da cultura e da estética negra presentes naquele encontro.

Ilustração 7: Marlon Mariano / 11 anos



Na sétima ilustração, Marlon apresenta uma representação da personagem Sara, da história “*A menina e as cores do mundo*”. Em seu desenho, ele retrata a personagem da forma como a imaginou a partir da narrativa apresentada durante a oficina. Conforme sua interpretação, Marlon Mariano destaca em sua ilustração as

características físicas, com destaque para o rosto e o cabelo crespo, que evidenciam elementos que mais chamaram sua atenção durante a contação da história, trazendo para o papel a imagem de um rosto negro que demarca o lugar da pele retinta.

Ilustração 8: Matias / 10 anos



A ilustração 8 é de autoria de Matias. Ele apresenta dois desenhos inspirados nas histórias trabalhadas durante a oficina. No primeiro, referente à história “Ser parda também é ser negra”, ele representa o momento do espelho, quando a personagem passa a reconhecer-se como uma

mulher negra. Esse momento simboliza a descoberta de sua identidade, mostrando que seu cabelo e sua cor de pele deixam de ser motivo para que ela se sinta deslocada ou confusa em relação ao seu pertencimento. No segundo desenho, Matias representa uma cena da história “A menina e as cores do mundo” e destaca o momento em que a personagem encontra a fada e recebe uma luz. Essa luz simboliza a esperança e a transformação que passam a marcar a vida da personagem, representando o início de um novo caminho, cheio de possibilidades e mudanças positivas a partir daquele encontro.

Ilustração 9: Matiza / 10 anos

Na nona ilustração, Matiza representa um recorte da história A menina e as cores do mundo. Em seu desenho, ele ilustra a igreja, espaço mencionado na narrativa como o local frequentado pela personagem. Na imagem, Matias destaca esse ambiente como um lugar de aprendizado, onde a menina ouvia ensinamentos de que, perante Deus, todas as pessoas são iguais, independentemente da cor da pele ou de outras diferenças. O desenho



evidencia, portanto, a forma como a criança interpretou esse momento da história, ressaltando o papel desse espaço na construção das primeiras compreensões da personagem sobre igualdade e convivência entre as pessoas.

Ilustração 10: Sabrina / 9 anos



Na décima ilustração, Sabrina representa um momento da história “*A menina e as cores do mundo*”. Em seu desenho, ela ilustra um castelo e uma fada, elementos que aparecem na narrativa como parte do processo de descoberta vivido pela personagem Sara. Na ilustração, a fada é representada como a figura que ajuda a personagem a encontrar a si mesma. É por meio desse encontro que Sara descobre sua própria luz e passa a enxergar-se de maneira diferente.

Segundo Sabrina, a fada desempenha um papel muito importante na história, pois é ela quem ajuda Sara a se sentir feliz, trazendo esperança e indicando um novo caminho para a personagem. O desenho evidencia, assim, a forma como a criança interpretou esse momento da narrativa, associando a figura da fada ao processo de transformação e reconhecimento da identidade da personagem.

Ilustração 11: Vinício / 10 anos



Na décima primeira ilustração, Vinício representa um momento da história “*Ser parda também é ser negra*”. Em seu desenho, ele traz um recorte do início da narrativa, destacando o convívio familiar entre a personagem Parda e seus familiares. A ilustração evidencia o vínculo afetivo presente entre os membros da família,

representando a relação de cuidado e carinho vivenciada pela personagem em seu ambiente familiar. Ao destacar esse momento da história, o desenho evidencia a importância da família no processo de construção da identidade da personagem, mostrando como as relações familiares também fazem parte do contexto em que se desenvolve o reconhecimento de si e de suas raízes.

A análise-descritiva das ilustrações produzidas pelas crianças destaca como duas escrevivências foram reinterpretadas no universo das infâncias, permitindo que as narrativas de identidade, pertencimento e ancestralidade fossem traduzidas em imagens. Por meio dos desenhos e das falas das próprias crianças sobre suas produções, foi possível perceber que os elementos das histórias, tais como o reconhecimento da identidade negra, os vínculos familiares, os encontros transformadores e os espaços de convivência, foram compreendidos e ressignificados pelas crianças de diferentes maneiras.

Nesse sentido, a oficina demonstrou o potencial pedagógico das escrevivências quando compartilhadas com o público infantil, pois possibilitou a construção de diálogos entre memória, identidade e experiência. Assim, ao ilustrar as narrativas das mulheres negras, as crianças não apenas representaram visualmente as histórias, mas também participaram de um processo educativo que contribuiu para a valorização da identidade negra e para a construção de práticas de educação antirracista desde a infância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a experiência da oficina de ilustração realizada com crianças negras a partir das escrevivências produzidas pelas mulheres do Coletivo de Mulheres Negras de Oiapoque. A atividade evidenciou o potencial pedagógico das escrevivências como ferramenta para o fortalecimento da identidade negra, da memória coletiva e da educação antirracista desde a infância. A experiência demonstrou também que as escrevivências não se encerram na escrita, mas se expandem para outras linguagens, como a arte produzida pelas crianças, pois ao transformar memórias em imagens, elas reafirmam a continuidade das histórias e das resistências das mulheres negras.

Destacou o quanto é importante de reconhecer as crianças como participantes ativas nos processos de construção da memória coletiva. Ao interpretar as escrevivências por meio de seus desenhos e falas, as crianças não apenas demonstraram compreensão das narrativas, mas também contribuíram para ampliar os sentidos dessas histórias. Dessa forma, a experiência reafirma que práticas educativas construídas em diálogo com a comunidade podem fortalecer

identidades, valorizar saberes locais e promover uma educação comprometida com a justiça racial. A participação das crianças contribuiu para processos de reconhecimento, pertencimento e valorização das histórias e das culturas negras.

Assim, essa experiência de pesquisa reforça a importância de iniciativas que articulem universidade, movimentos sociais e comunidades, promovendo práticas educativas comprometidas com a valorização das identidades negras e com o enfrentamento do racismo. Além disso, destaca-se a relevância da produção do livro de escrituras como forma de registrar e preservar as memórias e resistências das mulheres negras de Oiapoque que participam do coletivo, assim como a participação das crianças na ilustração dessas narrativas, pois possibilitou que elas dialogassem com as histórias das mulheres e contribuíssem para dar forma visual às escrituras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em 13/03/2026.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIMENTA, Selma G. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente**. Educação E Pesquisa, 31(3), 521–539.

PINHEIRO, Barbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta, 2023.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório: uma perspectiva brasileira. **Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016. Disponível:

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.